

especialização de regiões em produtoras de determinadas mercadorias. Justificava-se, em suma, a exploração das terras brasileiras, destinando-as à produção de açúcar, desde que em larga escala. Para produzir em larga escala, entretanto, havia necessidade de força de trabalho numerosa; dessa condição o Brasil não dispunha, pois nele viviam tribos dispersas, numericamente reduzidas e dadas à infixação. Essa condição negativa pôde ser contornada pela possibilidade em transferir ao Brasil grandes levas de trabalhadores africanos, em regime escravista, numa época em que o tráfico negreiro era das atividades principais.

A exploração do Brasil começou, pois, com a produção de açúcar em grande escala. Essa produção não se destinava ao Brasil, ao consumo dos que nele residiam, evidentemente, mas à exportação, isto é, ao consumo nos mercados europeus: na fase inicial da *colonização*, assim, não há mercado interno. Daí ser fácil concluir que *uma economia colonial se caracteriza pela ausência ou reduzida dimensão do mercado interno*. Era uma produção em grande escala, destinada ao mercado de ultramar e fecunda no trabalho escravo; ela se definia, conseqüentemente, por dois fluxos: o fluxo da produção para o exterior e o fluxo de força de trabalho para o interior. A *colonização*, no Brasil, pois, consistiu na montagem de empresa de grandes proporções, destinada a fornecer em grande escala determinado produto a mercados externos e distantes.

Era, na verdade, a maior empresa produtora que o mundo conhecia, nos séculos XVI e XVII; ainda assim, a importância do Brasil, para ela, estava apenas na disponibilidade ampla de terras — objeto do trabalho. Essa empresa, pela sua origem e pelas suas condições, ocasionou, desde logo, a separação entre a produção e a comercialização, separação comum naquele tempo, em que o comércio dominava a produção, a comercialização condicionava a produção, característica essencial da expansão mercantil.<sup>16</sup> A produção se processava no Brasil, a comercialização se processava na Europa, a partir da metrópole, isto é, da sede do poder que presidia a *colonização*. Tratava-se de uma estrutura

<sup>16</sup> "Começa a ter uma função destacada o capital comercial e, logo depois, muitas vezes ao mesmo tempo, o capital usuário. Capital comercial é o que se forma, o que se gera na troca de mercadorias. Capital usuário, o que se forma, o que se gera, do emprego do dinheiro. Quando surge a fase dos descobrimentos ultramarinos, são estas as formas de capital que o homem conhece e utiliza. É da mesma fase a transformação na produção que faz surgir e desenvolver-se a manufatura. (...) O aparecimento do capital comercial é muito anterior, assim, ao aparecimento do capitalismo como modo de produção". (Nelson Werneck Sodré: *Formação Histórica do Brasil*, 7ª edição, São Paulo, 1971, p. 23).